**ANOTAÇÕES DO EXERCÍCIO DE LEITURA 2**

PEVSNER, Nikolaus [1902-1983]. O estilo românico. In: *Panorama da arquitetura ocidental* [*An Outline of European Architecture*, 1943]. São Paulo: Martins Fontes, 1982, pp.47-79.

**O TEMA (assunto do texto)**

O tema deste capítulo é estilo românico na Europa, notadamente na Normandia, Alemanha, França e Itália do século XI ao XIII.

A noção de estilo por ele utilizada é definida pela compreensão de que há características próprias orientadas por uma ideia central que estabelecem uma linguagem, materialidade, volumetria e espacialidade próprias, coerentemente definidas (p. 48). Sua noção de estilo, portanto, não se limita à questão ornamental, de linguagem, mas é pensada a partir da articulação entre materiais, formas e espaços arquitetônicos.

**A QUESTÃO proposta pelo autor ou como ele pretende intervir no tema/ área de estudo**

Na introdução do livro, Pevsner se propõe a estudar o desenvolvimento histórico da civilização europeia ocidental - isto é, seu nascimento, difusão, amadurecimento, decaimento e morte -, ao longo dos séculos IX ao XX, olhando, sobretudo, do ponto de vista da expressão espacial dessa civilização. Nas suas palavras:

O nascimento de uma civilização coincide com o momento em que uma ideia dominante, um *leitmotiv*, emerge pela primeira vez, ideia que através dos séculos seguintes irá se fortalecer, se difundir, amadurecer, decair, para, afinal - este é o destino, e deve encará-lo -, abandonar a civilização de que tinha sido a alma. Quando isso acontece, a civilização morre, e nasce uma outra, em outro lugar ou no mesmo solo, começando a partir da sua própria pré-história para chegar à sua própria primitiva idade das trevas, desenvolvendo então sua própria ideologia essencialmente nova.**” (p.2-3)**

No capítulo em questão, o autor tenta captar essa ideia dominante a partir dos diversos motivos espaciais do estilo românico. Desta forma, o autor se propõe a construir uma definição da arquitetura românica que não se limita à descrição de suas características estéticas.

**O ENFOQUE/ABORDAGEM (descritivo, analítico, crítico, ou seja, maneira ou método de enfocar o tema)**

O texto é predominantemente descritivo e analítico. Como Pevsner esclarece no prefácio do livro,

Muitas vezes é preciso aceitar um único edifício como ilustração suficiente de um estilo ou aspecto particular. Isso significa que, do quadro que o leitor verá, os matizes foram eliminados, ficando apenas cor contra cor.

[…]

Mas, como os valores arquitetônicos só podem ser apreciados através de uma descrição e de uma análise mais exaustiva dos edifícios, tornou-se imperativo reduzir seu número e dedicar o máximo de espaço possível àqueles que foram escolhidos.”(p.1)

No capítulo em questão, o autor analisa e descreve edifícios desse período, buscando reconhecer os motivos essenciais constituintes do estilo românico.

**A TESE (proposição que se apresenta ou expõe para ser defendida sobre o tema)**

Na introdução, Pevsner apresenta a sua tese. Para ele, a expressão arquitetônica da civilização europeia caminha de forma linear, tomando cada momento histórico como uma fase de preparação e constituição, expressão plena e por fim, decaimento de um estilo arquitetônico.

No capítulo em questão, a arquitetura românica apresenta-se como uma formação primeira da cultura arquitetônica europeia, passado um período longo de produções grosseiras e rústicas, numa palavra bárbara (da morte de Carlos Magno a 950).

Essa arquitetura se distinguiria, do seu ponto de vista, da produção artística que se viu na Grécia ou em Roma, marcada por um espírito escultural, e também da arte bizantina e paleocristão, definida por uma espacialidade flutuante e mágica. O espaço românico seria organizado, planificado e agrupado (p.48).

Outra marca da arquitetura românica seria os novos arranjos internos das igrejas, sobretudo junto ao altar; além do desenvolvimento de abóbadas nervuradas, arcobotantes e portadas com esculturas figurativas. Essas características aproximavam a arquitetura românica da arquitetura produzida no território romano durante a Antiguidade, mas também no estilo subsequente, o gótico.

**AS REFERÊNCIAS documentais[[1]](#footnote-0) e bibliográficas  (indicar se há ou não e em caso positivo indicar que tipos de referências documentais e bibliográficas são utilizados pelos autores)**

O autor cita alguns documentos arqueológicos, porém sua referências principais são plantas e fotografias do interior dos edifícios, corroborando o enfoque do autor que analisa a arquitetura sobretudo a partir do espaço. Alguns outros materiais também são utilizados, tais como desenhos de detalhes, perspectivas isométricas, fotografias de maquetes e do exterior dos edifícios.

**A MANEIRA pela qual a arquitetura é pensada**

No introdução do livro, Pevsner define arquitetura como “construções projetadas tendo em vista o interesse estético” (p.7). Sua produção, contudo, não se define apenas por aspectos bidimensionais e tridimensionais próprios da pintura e da escultura respectivamente, embora eles participem a composição do edifício. O que distingue a arquitetura dessas outras manifestações artísticas é o aspecto espacial, por isso afirma “a historia da arquitetura é, antes de mais nada, a história do homem moldando o espaço, e, portanto, o historiador deve manter sempre em primeiro plano os problemas espaciais. “(p.7)

Além de ser entendida como parte do campo artístico, a arquitetura, segundo Pevsner, para além dos aspectos construtivos e funcionais, é fruto de uma mentalidade, definida em um determinado tempo e espaço. Nesse sentido, sua história é entendida como a história da expressão dos espíritos de cada época, um conceito cunhado no século XIX que orienta as análises dos historiadores da arquitetura da primeira metade do século XX (Vamos estuda-lo na AUH 154).

SAUERLÄNDER, Willibald [1924]. As fachadas românicas. In: DUBY, Georges (coord.) *A idade média*. Tomo II [*Histoire Artisiqye de l’Europe – Le Moyen Âge*, 1995]. São Paulo: Paz e Terra, 1998, pp. 64-79.

**O TEMA (assunto do texto)**

As fachadas românicas na Europa dos século XI e XII.

**A QUESTÃO proposta pelo autor ou como ele pretende intervir no tema/ área de estudo**

A rigor não se poderia falar nesse período em fachada românica, de um lado porque o conceito de fachada não tinha sido formulado, tal como o conhecemos atualmente – como “anúncio do edifício”, de outro porque as propostas do que seriam as fachadas românicas são muito diversas. Há que se recuperar, portanto, as funções e simbolismos das construções do período para entender suas “fachadas”, assim como os “imperativos topográficos, litúrgicos, ideológicos, de culto e de peregrinação” que as definiram.

Questão: engraçado... porque antes havia claramente o sentido de fachada... por que ele teria se perdido?

**O ENFOQUE/ABORDAGEM (descritivo, analítico, crítico, ou seja, maneira ou método de enfocar o tema)**

O autor propõe discutir, nesse ensaio panorâmico, os problemas que as fachadas românicas colocam à história da arquitetura e da escultura, bem como à do culto e dos hábitos religiosos, a partir de sua diversidade de formas e, sobretudo, de funções e simbolismos. Sua discussão parte de uma perspectiva e de um conceito de fachada modernos, os quais ele anuncia no início do capítulo.

Diante dessa proposição, o autor descreve e, sobretudo, analisa 4 tipos de fachadas românicas, buscando, para esse fim, compreender as condições variáveis as quais cada fachada está sujeita e suas diversidades formais, funcionais e simbólicas. Primeiramente ele se detém sobre as fachadas profanas (civis e militares); em seguida, trata das fachadas das igrejas românicas e dos portais historiados; e por fim, se detém sobre as fachadas biombos.

**A TESE (proposição que se apresenta ou expõe para ser defendida sobre o tema)**

As construções do período românico e suas fachadas são muito diversas, em função do local, da ordem e da função que os edifícios, sobretudo os religiosos, desempenhavam.

**AS REFERÊNCIAS documentais[[2]](#footnote-1) e bibliográficas  (indicar se há ou não e em caso positivo indicar que tipos de referências documentais e bibliográficas são utilizados pelos autores)**

Há referências ao Dicionário de Viollet-le-duc, ao Codex Calixtinus “guia dos peregrinos” e às inscrições nas fachadas. No entanto, o principal material utilizado pelo autor são imagens fotográficas das fachadas de alguns edifícios que auxiliam as descrições e análises feitas ao longo do texto. São sobretudo as legendas que narram o contexto histórico do edifício e interligam texto e imagem.

**A MANEIRA pela qual a arquitetura é pensada**

A arquitetura é pensada como manifestação cultural, isto é, está inserida no campo dos costumes, tradições, necessidades e das práticas sociais de maneira geral, daí o entrelaçamento da história da arquitetura com a história social

**Diferenças entre os dois textos**

A diferença reside justamente na maneira como a arquitetura é pensada. Enquanto Pevser privilegia o espaço para a compreensão arquitetônica, analisando sobretudo o espaço interior criado pelas igrejas românicas; Sauerländer prioriza o olhar sobre o exterior e o tratamento bidimensional dos edifícios, mais especificamente suas fachadas, selecionando, por sua vez, como campo de estudo a arquitetura não só religiosa, mas também civil e militar.

Pode-se dizer que Pevsner faz uma análise voltada muito mais para o movimento dos corpos no espaço, produzindo uma percepção dos edifícios que é permeada por este percurso; enquanto Sauerländer estuda o contato visual do espectador com a arquitetura de um ponto de vista mais estático, o que o aproxima de uma percepção arquitetônica mais próxima aos relevos e à escultura.

1. São considerados documentos, segundo Jacques Le Goff todas as formas de expressão humana que são “produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. [...] O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. Ver de Jacques Le Goff o texto Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. [↑](#footnote-ref-0)
2. São considerados documentos, segundo Jacques Le Goff todas as formas de expressão humana que são “produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. [...] O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. Ver de Jacques Le Goff o texto Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. [↑](#footnote-ref-1)